

Ruptura histórico-literária na obra Lobatiana: identidades, apagamentos e descontextualização

HISTORICAL-LITERARY RUPTURE IN LOBATIAN WORK: IDENTITIES, ERASURES AND DECONTEXTUALIZATION

MÁRCIO A. MARTELLI¹, CELSO DAL RÉ CARNEIRO²

1- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E HISTÓRIA DE CIÊNCIA DA TERRA, MESTRANDO, CAMPINAS, SP, BRASIL.

2- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E HISTÓRIA DE CIÊNCIA DA TERRA, PROFESSOR PERMANENTE, CAMPINAS, SP, BRASIL.

E-MAIL: MARCIOMARTELLI05@GMAIL.COM, CEDREC@UNICAMP.BR.

Abstract: Introduction. Decontextualizing or contextualizing the work of Monteiro Lobato is part of a discussion, that began in 2010, when the book *Caçadas de Pedrinho* (“Huntings of Pedrinho”), purchased with public money for distribution in public schools, was the target of retaliation before the National Education Council (NEC). **Objective and Methodology.** The complaint, made by Antônio Gomes da Costa Neto, questioned the racism and prejudice contained in the book. The fact triggered a wave of protests, both in support and against the questioning. Some defend the mere adaptation or deletion of terms considered offensive, others suggest paratexts to contextualize the socio-cultural panorama of the book’s time.

Results and Conclusion. This article proposes to comprehensively revisiting the issue, taking into account the conflicting opinions and suggestions for overcoming impasses, without leaving aside the proposal to use the example comparatively with other secular works within the historical panorama of evolution of human thought.

Resumo: Introdução. Descontextualizar ou contextualizar a obra de Monteiro Lobato faz parte de uma discussão iniciada em 2010, quando a obra *Caçadas de Pedrinho*, comprada com dinheiro público e distribuída em escolas públicas, foi alvo de represália e levada ao Conselho Nacional de Educação (CNE). A denúncia, feita por Antônio Gomes da Costa Neto, questionara o racismo e preconceito contidos no livro. **Objetivo e Metodologia.** O fato desencadeou uma onda de protestos, tanto em apoio quanto contrários ao questionamento. Alguns defendem a mera adaptação ou supressão dos termos considerados ofensivos, outros sugerem paratextos que contextualizem o panorama sócio-cultural de época em que a obra foi escrita. **Resultados e Conclusão.** Este artigo pondera que a questão deva ser examinada de forma abrangente, levando em conta as opiniões conflitantes e sugestões para superação de impasses, sem deixar de lado a proposta de usar o exemplo de modo comparativo com outras obras seculares, dentro do panorama histórico da evolução do pensamento humano.

Citation/Citação: Martelli, M. A., & Carneiro, C. D. R. (2023). Ruptura histórico-literária na obra Lobatiana: identidades, apagamentos e descontextualização. *Terræ Didática*, 19(Publ. Contínua), 1-8, e023010. doi: 10.20396/td.v19i00.8671974.



Artigo submetido ao sistema de similaridade

Keywords: Lobato, Racism, Censorship, Education, Literature, Usages and customs.

Palavras-chave: Lobato, Racismo, Censura, Educação, Literatura, Usos e costumes.

Manuscript/Manuscrito:

Received/Recebido: 05/12/2022

Revised/Corrigido: 28/12/2022

Accepted/Aceito: 03/01/2023

Editor responsável: Celso Dal Ré Carneiro 

Revisão de idioma (Inglês): Hernani Aquini

Fernandes Chaves 



Introdução

Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa. [Karl Marx, O 18 Brumário de Luís Bonaparte]

Quando a obra de um expoente da literatura brasileira como Monteiro Lobato foi denunciada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) por abordar questões raciais e ofensivas aos direitos humanos, indo contra o que rege a Constituição (Brasil, 1988), formou-se ampla discussão nos

meios acadêmicos. O escritor Monteiro Lobato escreveu propositadamente os vocativos por meio dos quais se refere à mulher negra Tia Nastácia de forma preconceituosa ou seria esse apenas um reflexo sociocultural da época em que a obra foi escrita? Alguns estudos apontam o escritor como racista e pertencente ao movimento eugenista, devido às ligações pessoais; apresenta-se até mesmo um documento no qual o escritor defende a ideia de uma Ku Klux Klan (KKK) no território brasileiro.

A polêmica sobre *Caçadas de Pedrinho* é abordada neste artigo sob vertente distinta: a questão de se contextualizar ou descontextualizar o “racis-

mo” em uma obra na qual o tema é acintosamente abordado. Bignotto (2021), por exemplo, pondera que “julgar obras literárias por frases é arriscado. A sentença que parece certa pode se revelar incerta, quando não injusta” (Vaz & Almeida, 2011). Enquanto alguns querem a proibição da obra em salas de aula do ensino fundamental, outros propõem adaptações que omitiriam o texto original; há quem defenda a introdução de textos explicativos (paratextos) que contextualizem a obra no período em que ela foi escrita para explicar aos leitores os fatos históricos e os erros cometidos no passado, para que não se repitam no presente.

O objetivo do artigo é enumerar fatos relevantes e mostrar a contribuição da obra de Lobato para as gerações passadas e futuras, além de compará-la a outros clássicos seculares que, com o passar dos anos, tiveram adaptações que mitigaram eventuais objeções e os tornaram “palatáveis”, ou seja, ganharam “aceitação” nos sisudos tempos que correm.

Quem foi Monteiro Lobato

O dia 18 de abril marca, no Brasil, o Dia Nacional do Livro Infantil. A data foi propositalmente escolhida em referência ao aniversário de nascimento do escritor Monteiro Lobato [1882-1948], expoente da literatura infantil no país. O escritor taubateano, neto do Visconde de Tremembé – por parte materna – passou grande parte de sua infância na fazenda Santa Maria, em Ribeirão das Almas, nos arredores de Taubaté. Lobato é eternamente lembrado pela obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, na qual retratou as brincadeiras de infância e imortalizou por gerações personagens como Narizinho, Pedrinho, a boneca Emília e o Visconde Sabugosa.

Nas visitas à casa do avô – conta mais tarde – fascina-o a biblioteca: os livros em particular os ilustrados, seduzem-no ainda mais do que a figura do imperador Pedro II, que conhece como hóspede do avô numa das últimas viagens imperiais a São Paulo (Lajolo, 2000, p.13).

O filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato apaixonou-se pela leitura após ter acesso aos livros da biblioteca de seu avô, o Visconde de Tremembé, que, após a morte de sua filha e genro, passa a ser o tutor do futuro escritor com 16 anos. Após a morte do pai em 1898, resolveu mudar seu nome, como homenagem, para José Bento Monteiro Lobato. Suas iniciais

passariam a ser iguais às do pai, gravadas em uma bengala que ele usara quando Lobato era criança. Importante salientar a educação que recebeu nas escolas particulares de Taubaté, como o colégio do professor Kennedy, para depois seguir para o Colégio Americano e, em seguida, ao Colégio Paulista, tendo sido aluno do professor Mostardeiro, a quem José Bento volta a procurar para debater as novas filosofias que tanto o fascinaram em São Paulo. Lobato só conheceu o ambiente escolar com 13 anos; até então, era educado pela mãe e depois por um professor particular. Há um relato de que nos exames de ingresso para a Faculdade de Direito ele fôra reprovado em... Língua Portuguesa, mas alcançou o objetivo em 1896.

Após ser nomeado promotor em Areias, casa-se com Purezinha (Maria Pureza da Natividade); tiveram quatro filhos Marta, Edgar, Guilherme e Rute. Herdou a fazenda Buquira, tentou produzir, mas, não havia condições adequadas para o plantio e volta para a capital com o Jeca Tatu, personagem famoso até os dias atuais. No jornal *Estado de São Paulo* publica uma carta chamando o caboclo de *Vêlha Praga*, devido à sua forma de praticar agricultura. Funda a *Revista Paraíba*, cujos colaboradores incluem Olavo Bilac, Cassiano Ricardo e Coelho Neto. Publica seu primeiro livro em 1917, o *Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. No mesmo ano, ainda no jornal *O Estado de São Paulo* critica a exposição de Anita Malfatti, por meio do artigo – *Paranoia ou Mistificação!* Logo depois da afronta, na qual expressou o sentimento de que esse tipo de arte seria um perigo para a arte brasileira, estoura o Movimento Modernista.

Lobato coloca seus personagens em diversas situações: explora a história do mundo, recria a mitologia e seus deuses, reconta as fábulas de Esopo, sempre contadas pela Tia Nastácia, a mulher negra que trabalha no sítio de Dona Benta, que não tem família, e conhece todas as credices populares que são apresentadas em diversas partes das histórias. Tia Nastácia é querida pelo pessoal do sítio, mas é tratada – segundo as acusações que a obra vem recebendo desde 2010¹ – de forma racista e não-inclusiva.

1 O livro *Caçadas de Pedrinho* (Lobato, 1933) foi acusado de racismo pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), e por esta razão recomendou-se que o livro não fosse mais distribuído pelo governo nas escolas da rede pública. URL: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/02/acusado-de-racismo-lobato-transformou-o-saci-no-primeiro-heroi-negro-para-criancas-no-brasil.shtml>. Acesso 11.01.2023.

Um breve histórico do caso

Em 30 de junho de 2010 a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) acatou solicitação encaminhada pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) que dizia respeito a uma denúncia feita à Ouvidoria da SEPPIR por Antônio Gomes da Costa Neto. Questionou-se a utilização, pela Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, de livro que veicularia “preconceitos e estereótipos contra grupos étnico-raciais”. A denúncia logo ganhou visibilidade, pois o mesmo livro, da Editora Globo, é fornecido pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), que distribui livros a bibliotecas de todo o país, e tido há muitas décadas como obra de referência em escolas públicas e particulares de todo o País. Diante disso, a CEB/CNE produziu dois pareceres que foram objeto de grande controvérsia em veículos de mídia (Brasil, 2010). O objeto da denúncia era o clássico infantil *Caçadas de Pedrinho* do escritor paulista Monteiro Lobato (2008). O denunciante identificara no livro, com exemplos textuais, a presença de expressões de racismo e estereótipos em relação a negros, sobretudo nas referências à personagem Tia Nastácia. Dentre as passagens do livro citadas no texto da denúncia estão:

Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espiões. Emília repetiu-a, terminando assim: – É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena (Lobato, 2008). Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 2008)

Lobato e o racismo

Um estudo publicado em 2013 por João Feres Júnior, Leonardo Fernandes Nascimento e Zena Winona Eisenberg, *Monteiro Lobato e o Politicamente Correto*, revelou que Monteiro Lobato apresentava comportamento racista (Feres Júnior, Nascimento & Eisenberg, 2013). Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e era próximo dos médicos Renato Kehl e Arthur Neiva, que difun-

diram o conceito de eugenia² (teoria baseada em leis genéticas) no Brasil. O escritor defendia até mesmo a criação de uma Ku Klux Klan no Brasil, como revela em um trecho de uma carta a Neiva: “Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan³; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca”. Em seu artigo no jornal *Folha de São Paulo* (Ilustríssima, 19.02.2019)⁴, a historiadora Lucilene Reginaldo, da Unicamp, afirma que a obra de Lobato é tão racista quanto o escritor, ao rebater o artigo escrito pelo colunista Jorge Coli. Coli afirma que “só quem não leu ou não compreendeu os livros de Lobato pode julgá-los rascistas”. Reginaldo discorda, pois, da perspectiva de quem estuda a fundo o racismo ela apresenta os seguintes fatos. Ao ler, junto ao seu filho, na época com seis anos, o livro alvo de acusação *Caçadas de Pedrinho*, encontrou frases que não deviam agradecer a uma historiadora: “Tia Nastácia, esquecida

2 Eugenia é um termo cunhado em 1883 por Francis Galton [1822-1911], significando “bem nascido”. Galton definiu eugenia como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. Em outras palavras, melhoramento genético. O tema é bastante controverso, particularmente após o surgimento da eugenia nazista, que veio a ser parte fundamental da ideologia de pureza racial, a qual culminou no Holocausto. Mesmo com a cada vez maior utilização de técnicas de melhoramento genético usadas atualmente em plantas e animais, ainda existem questionamentos éticos quanto a seu uso com seres humanos, chegando até o ponto de alguns cientistas declararem que é de fato impossível mudar a natureza humana. URL: <https://www.significados.com.br/eugenia/>. Acesso 11.01.2023.

3 Ku Klux Klan (também conhecida como KKK ou simplesmente “o Klan”) é o nome de três movimentos distintos dos Estados Unidos, passados e atuais, que defendem correntes reacionárias e extremistas, tais como a supremacia branca, o nacionalismo branco, a anti-imigração e, especialmente em iterações posteriores, o nordicismo, o anticatolicismo e o antissemitismo, historicamente expressos por meio do terrorismo voltado a grupos ou indivíduos aos quais eles se opõem. Todos os três movimentos têm clamado pela “purificação” da sociedade estadunidense e todos são considerados organizações de extrema-direita. URL: [4 URL: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/obra-infantil-de-monteiro-lobato-e-tao-racista-quanto-o-autor-afirma-autora.shtml>. Acesso 11.01.2023.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ku_Klux_Klan#:~:text=Ku%20Klux%20Klan%20(tamb%C3%A9m%20conhecida,em%20itera%C3%A7%C3%B5es%20posteriores%2C%20o%20nordicismo. Acesso 11.01.2023.</p></div><div data-bbox=)

de seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima”. Embora Tia Nastácia seja sempre lembrada carinhosamente, era o adjetivo mulher negra que a marcou em toda a obra. A comparação feita aqui com a mulher negra Nastácia gera, na mente de quem lê a obra, uma distorção dos fatos da vida real contemporânea.

Se fôssemos realmente analisar o livro *Caçadas de Pedrinho* por outro prisma, e não somente pelo viés de preconceito e racismo, teríamos outros sérios problemas que impactam, atualmente, o panorama ecológico. O livro inicia-se com a caçada de uma onça; nesse evento, o pessoal do sítio do Picapau Amarelo caça o felino, mata-o e o leva arrastado para a sede.

– Morreu de quê, sagui? – indagou a capivara. – De morte morrida ou de morte matada? – De morte matadíssima. Os meninos do sítio de Dona Benta mataram-na a tiros e facadas e espetadas, e depois a arrastaram com cipós até lá no terreiro (*Caçadas de Pedrinho*, 2015, p. 34).

Na edição mais recente (Editora Globo, 2008) a obra abre com uma nota considerada exemplar pelo CNE:

(...) essa grande aventura da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo acontece em um tempo em que os animais silvestres não estavam protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) nem a onça pintada era uma espécie ameaçada de extinção, como nos dias de hoje.

Em outros termos, antes mesmo de ler a obra, o leitor já se depara com este paratexto que direciona e aponta os malefícios da caça aos animais. É preciso, na verdade, contextualizar a obra no momento em que ela foi escrita e entender o impacto que ela trouxe nas gerações que se seguiram a ela e suas eventuais transformações.

Bisneta de Lobato suprime termos racistas em reedição da obra

Em 1º de janeiro de 2019 toda a obra de Monteiro Lobato entrou em Domínio Público, ou seja, pode ser comercialmente explorada sem depender de autorização⁵. Desde então, qualquer adaptação

5 Qualquer pessoa pode utilizar uma obra que entrar em domínio público; pode fazer adaptações, traduzir, veicular, imprimir, ou fazer qualquer tipo de uso econômico sem depender de autorização prévia do

da obra do escritor pode ser realizada pela editora que assim decidir. A proteção de 70 anos refere-se aos direitos patrimoniais, mas não atinge os direitos morais, ou seja, são imprescritíveis tanto a autoria da obra quanto sua vinculação ao nome do autor. O tempo de duração dos direitos morais, portanto, é indeterminado (Franco, 2018).

Segundo a professora de Literatura Milena Ribeiro Martins (Martins, 2019), apesar de as obras de Lobato terem mais de 100 anos, elas ainda mexem com o imaginário infantil que atualmente vive cercado por experiências em multimídia: “Há um misto de fantasia, de ciência, de imaginação e de criatividade na obra de Lobato, que ainda é atraente para as crianças” (Martins, 2019).

A neta do escritor, Cleo Monteiro, vem reeditando a obra de seu avô. Para tanto, realizou algumas reparações na obra no que diz respeito aos conceitos racistas utilizados por Lobato que eram comuns na época, porém já encontravam resistência por parte da sociedade, e não condizem com o contexto atual. A autora resolve o problema chamando e tratando a personagem Tia Nastácia pelo seu nome, excluindo então termos racistas como “nega beijuda” e outros mais que aparecem no decorrer da história⁶. Cleo ainda afirma e faz questão de ressaltar que seu avô não era racista e o que sua obra reflete e evidencia é o racismo estrutural da sociedade brasileira. Segundo o historiador Juvenal Lima Gomes,

“É preciso entender esse autor em seu contexto. Discutir esse contexto é tão importante quando se deliciar com a sua trama. [...] Essa é a função da arte, provoca a mudança de pensamento em relação a algo que está posto”, defende (J. L. Gomes, citado por Izel, 2020).

É preciso olhar a obra sob a perspectiva da época em que foi escrita e lançada.

“Não estudamos história para julgar e tentar avaliar, com os valores de hoje, as posições do passado. Nós somos seres em transformação e esse é o maior brilhantismo”, afirma. [...] Esse

autor ou do titular de direitos. “No Brasil, a proteção pelo direito autoral dura 70 anos, contados a partir de 1º de janeiro do ano seguinte à morte do autor” (ANJ, 2019). URL: <https://www.anj.org.br/monteiro-lobato-no-dominio-publico/>. Acesso 11.01.2023.

6 URL: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/12/4895827-bisneta-de-monteiro-lobato-adapta-os-classicos-da-literatura-ao-contexto-atual.html>. Acesso 11.01.2023.

é um tema muito caro para nós, negros, porque deixou marcas na sociedade. As pessoas falam ‘agora, tudo virou racismo’. Não, as pessoas é que passaram a ter mais consciência e sensibilidade sobre um tema que sempre as machucou. Hoje, minha filha poderá ler Lobato se deparando com personagens que não serão caracterizados pela pele, mas pelo papel no enredo. Isso é valioso”, completa (J. L. Gomes, citado por Izel, 2020).

Dessa forma, podemos ressignificar a obra de duas maneiras: fazer as adaptações “necessárias”, alterando o original, esquecendo o contexto histórico e o suposto “racismo”; contextualizar o cenário e apresentar aos leitores atuais como eram os tratamentos vocativos e os comportamentos considerados normais no início do século XX, quando a obra foi escrita, para debates com leitores ou alunos. Não se pode alterar o passado, precisamos aprender com ele para não repetirmos os mesmos erros no futuro. “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” (Santayana, 1863-1952).

Observe o seguinte exemplo para a edição *O poço do Visconde*, feita pela Editora Globo, em 2010.

A Figura 1 reproduz imagens de duas páginas que compõem o miolo do livro *O Poço do Visconde*.

O fator relevante é que foi mantido o original escrito em 1937 e, ao lado, em nota explicativa, o panorama atual, geológico e tecnológico, do Brasil. É muito claro para quem ler a obra nos dias de hoje que, na época em que foi escrita, não tínhamos e nem sonhávamos com todos os aparatos tecnológicos, nem com o conhecimento, de que dispomos hoje. Assim, a nota explica muito bem ao leitor o contexto vivenciado em cada uma das épocas.

A Figura 2 mostra duas capas do livro. Moderna e impactante, a edição de 2010 (Fig. 2A) apresenta o Visconde de Sabugosa surfando nas ondas do petróleo extraído no Sítio do Picapau Amarelo, no

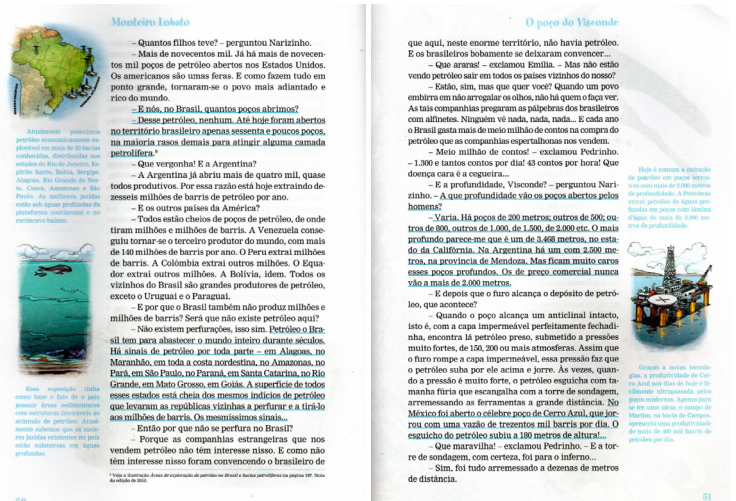


Figura 1. Exemplos de páginas internas do livro *O Poço do Visconde*, Editora Globo, 2010

poço denominado Caraminguá nº 1. É preciso notar que a prancha de surfe é um livro, especificamente, um livro de Geologia. A capa apresenta os dizeres: edição comentada, que é o grande diferencial. A Figura 2B é a capa da 1ª edição. O conceito de cenário se repete na cena; Tia Nastácia está presente, reparemos bem na ilustração. No canto superior esquerdo está escrito *Geologia para crianças* de forma direta e sutil, diferentemente da edição de 2010, na qual o leitor se aproxima do conceito de Geologia que o impacta de uma forma moderna e aventureira. Adaptações, enfim, são formas de se recontextualizar a obra para os novos leitores do século XXI.



Figura 2. Capas do livro *O Poço do Visconde*: (A) Versão de 2010 da Editora Globo (Lobato, 2010) e (A) Versão original da 1ª Edição (Lobato, 1937)

Outros exemplos de contextualização

Na obra *O lado sombrio dos contos de fadas – as origens sangrentas das histórias infantis*, publicada pela Editora Abril, em 2016, a autora Karin Hueck (2016) apresenta os textos que permearam a infância de gerações por séculos. Imagine uma criança de hoje lendo, em um conto de fadas, que a Chapeuzinho Vermelho prova um pedaço de carne da vovozinha morta; Cinderela fugiu do pai incestuoso; Bela Adormecida é estuprada e abandonada pelo Príncipe Encantado enquanto dormia.

Ao ler os contos originais, é importante ter em mente que nenhuma maldade é gratuita; pelo contrário, ela deriva de costumes e certezas que faziam todo o sentido nos séculos passados. As narrativas surgiram em épocas em que bruxas existiam de verdade – e foram queimadas nas fogueiras aos milhares; em tempos que pais abandonavam filhos no meio da floresta quando não tinham condições de alimentá-los; em sociedades em que belas mulheres de fato se casavam com feras assustadoras (em formato de homens, mas, ainda assim, assustadoras) (Hueck, 2016, p. 14).

Essas são as versões originais das “lindas” historinhas que, desde crianças, ouvimos, lemos e assistimos no cinema ou vídeo, em versão Disney ou adaptações. Já imaginou o impacto nos leitores de hoje? E são somente alguns exemplos. res de fato se casavam com feras assustadoras (em formato de homens, mas, ainda assim, assustadoras) (Hueck, 2016, p. 14).

Descontextualizando Lobato

Voltemos ao livro em questão *Caçadas de Pedrinho* e seu pedido de proibição para o uso em escolas públicas; o parecer 15/2010 do Conselho Nacional de Educação (CNE) apresenta algumas questões:

- A obra só deve ser utilizada no contexto da educação por professores que tenham a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil.
- Exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota explicativa e de esclarecimento aos leitores sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. Esta providência deverá ser solicitada em relação ao livro *Caçadas de Pedrinho* e deverá ser extensiva a todas as obras literárias que se encontrem em situação semelhante.

Sobre as questões, a pesquisadora Marisa Lajolo recorre a Antonio Candido que afirma

que “apresentações, advertências, rodapés, notas de margem e de fim e similares são espaços voltados para apoio, monitoramento e gerenciamento da leitura” – os chamados paratextos, quando se suspeita que o leitor não dispõe de determinado conhecimento ou informação necessária para entender e contextualizar uma obra, no sentido pela qual ela se apresenta. Segundo Lajolo, na literatura infantil os paratextos ganham significado muito especial para as crianças e jovens, pois impedem que se façam interpretações errôneas ou incorretas de uma situação apresentada.

A significação de um texto se constrói no interior de um sistema literário, à sombra da tríade *autor-obra-público*. Significados de textos são coletivamente construídos, desconstruídos, reconstruídos (Lajolo, 2011a).

E tia Nastácia? Como é que ela fica nessa história?

Como em toda obra lobatiana, Tia Nastácia é tida como a negra de estimação, quituteira de mãos cheias, querida pelas crianças e alvo de muita mal-criação da boneca espevitada Emília. Ela é sempre a parceira de Dona Benta e está em todas as histórias de aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

A respeito do recurso contra a obra de Monteiro Lobato, julgada pelo STF, o Professor José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, em entrevista realizada pelo portal RN News em 18 de fevereiro de 2017, afirma que a ação é para que se cumpram alguns princípios e fundamentos, como os textos introdutórios, a aplicação da obra por professores capacitados e os paratextos para contextualizar a obra quando a mesma estiver sendo objeto de estudo dos alunos. Esse fator não vem sendo cumprido pelas editoras nas compras efetuadas pelo governo para as escolas da rede pública.

Não pode haver livros que atentem contra a dignidade da pessoa humana, que contenham manifestações expressas de intolerância e manifestações expressas de racismo, e essa obra tem um conjunto delas que por essa natureza não poderia fazer parte da compra dos livros didáticos. O governo fez a compra e por isso foi chamado a responder na justiça. (URL: <https://www.youtube.com/watch?v=zr-FiEpQ2TA>. Acesso 12.01.2023). A ação questiona e discute que, a despeito de ter a licença poética, licença da criação, licença da livre manifestação de pensamento, é uma obra que ao seu tempo se colocava de uma maneira e que exprime fatos que agridem, tanto constitu-

cional quanto legal. O racismo e discriminação são crimes e são princípios constitucionais. Não queremos combater a obra e, sim, que ao menos se contextualize como: “olha, naqueles tempos as coisas se davam assim, mas nesse tempo manifestações dessa natureza não podem ser permitidas, nem entendidas ou internalizadas como regulares, com normais. (URL: <https://www.youtube.com/watch?v=zr-FiEpQ2TA> Acesso 12.01.2023).

O livro, hoje, contribuiria, ou não, para a educação das crianças?

Não se pode, aqui, contextualizar o “não”, porque o livro faz menções expressas e utiliza palavras como macaco, cabelo pixaim, que a cor da Tia Nastácia é um carvão, expressões que hoje, mesmo com licença poética, são uma agressão direta à dignidade, à intimidade da pessoa humana e do indivíduo. São afirmações banidas (proibidas) pela Constituição de 1988 (Brasil, 1988). Então, se é preciso educar as crianças segundo valores legais, constitucionais e sociais, o que se exige é acrescentar na obra, pelo menos, a informação de que o contexto em que o autor a escreveu era muito diferente daquele em que vivemos hoje. É apenas isso que se pede e é isso que a decisão da Câmara de Educação Básica (Brasil, 2010) se recusou a fazer. A discussão sobre o livro concentrou-se no emprego de dinheiro público na compra, para escolas públicas, de uma obra pública que agride os padrões morais vigentes. Não há interesse em modificar ou censurar a obra, nem em desqualificar o autor, mas contextualizar, em notas de rodapé ou notas laterais que expliquem as diferentes épocas que separam o seu lançamento dos dias atuais.

Lajolo, ao comentar a contextualização da obra nas mais diferentes partes onde existe qualquer referência ao racismo e à discriminação, faz a seguinte pergunta: por que não aproveitar e também corrigir o desrespeito aos idosos manifestados pelas crianças, a agressividade de Pedrinho que ameaça bater em Emília, ou até mesmo a caçada que é o tema principal da obra, pleiteando os direitos dos animais? A pesquisadora ainda coloca que qualquer paratexto que se faça explicando a obra passará por cima da frase final do livro, que se encerra com Tia Nastácia, cansada e tomando um lugar no carrinho puxado pelo Quindim com a seguinte frase (Forno de Letras, 2011):

– Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...

Lajolo conclui:

Evidentemente, essa fala de Tia Nastácia não manifesta postura política equivalente a lutas, conquistas e estratégias contemporâneas assumidas por movimentos empenhados na construção da identidade negra. Mas a fala de Tia Nastácia é o que se tem, e o que talvez melhor combine com o modo de ser da personagem ao longo da obra lobatiana. É pela boca e pela atitude da cozinheira negra que a igualdade de direitos é reivindicada, como foi pela boca e pela atitude dos animais que os riscos de degradação ambiental foram tematizados no livro (Lajolo, 2011b).

Além de *Caçadas de Pedrinho*, *Negrinha* é outra obra de Monteiro Lobato também acusada de conteúdo racista e sexista (Mendes, 2012), que compõe o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O livro passa pelos mesmos trâmites solicitados para a contextualização da obra, além de defender que os professores sejam preparados para lidar com educação sobre relações étnico-raciais dentro da sala de aula.

Conclusões

Há toda uma geração que cresceu lendo as aventuras dos personagens criados por Lobato (ou assistindo a programas de TV) e tem imensa admiração pela obra. Em Taubaté (SP), existe o Sítio do Picapau Amarelo, onde o visitante poderá se encontrar frente a frente com Emília, Narizinho, Pedrinho e tantos outros personagens. É a Disney brasileira ou talvez o mais perto que se pôde chegar da empresa americana. Lobato e, mais modernamente, Maurício de Souza, trouxeram para o imaginário do brasileiro as mazelas, características, sonhos e aspirações do povo brasileiro. As “novas” objeções apontadas são, hoje, pequenas, quando comparadas a movimentos extremistas de racismo e intolerância. Mas o que nos reserva o futuro? Quantas obras deverão ainda ser contextualizadas para explicar aos leitores o que é certo e o que é errado?

Estamos tratando de obras para educação básica, ou seja, para a formação de indivíduos e cidadãos. Os paratextos, como exemplifica Lajolo, podem ser uma solução, mas são também um ótimo pretexto para se discutir conceitos relacionados a cidadania e a direitos humanos em sala de aula. A literatura tem o papel inestimável de nos fazer pensar, refletir e, quem sabe, mudar opiniões ferrenhas acerca de fatos e contextos. Não se pode, de forma alguma, censurar *Caçadas de Pedrinho* ou qualquer outra obra de Lobato; elas são essenciais para as gerações futuras.

Como fonte de inspiração, muitas delas, muitas vezes, deverão ser adaptadas e transformadas, relidas, repensadas e reformuladas, sempre a partir das sementes originais, plantadas pelo grande escritor. Acreditamos que, talvez, um Pedrinho expert em informática ou um Visconde Robô possam ganhar vida própria... mas é o futuro

quem dirá. Deixemos que aconteçam.

Para finalizar, apesar de toda a controvérsia, o Dia Nacional do Livro Infantil continua sendo uma data em homenagem ao escritor, que foi ao mesmo tempo polêmico, criativo, crítico, empreendedor e, muitas vezes, incompreendido. Sem dúvida, Lobato ainda é o representante máximo da literatura infantil no Brasil.

Taxonomia CRediT: • Contribuições dos autores: Conceitualização; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Recursos; Supervisão; Validação; Visualização; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão & edição: Marcio A. Martelli. Metodologia; Administração do projeto; Recursos; Supervisão; Validação; Visualização; Escrita – rascunho original; Escrita – revisão & edição: Celso Dal Ré Carneiro. • Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito. • Aprovação ética: Não aplicável. • Disponibilidade de dados e material: Disponível no próprio texto. • Reconhecimentos: Não aplicável. • Financiamento: Não aplicável.

Referências

- Associação Nacional de Jornais (ANJ). (2019). *Monteiro Lobato no domínio público*. Notícias ANJ. Extraído de *Folha S. Paulo*, 14.01.2019. URL: <https://www.anj.org.br/monteiro-lobato-no-dominio-publico/>. Acesso 05.05.2023.
- Bignotto, C. (2021). *Acusado de racismo, Lobato transformou o Saci no primeiro herói negro para crianças no Brasil*. *Folha S. Paulo*, 17.02.2021. (Opinião). URL: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/02/acusado-de-racismo-lobato-transformou-o-saci-no-primeiro-heroi-negro-para-criancas-no-brasil.shtml>. Acesso 05.05.2023.
- Brasil. Câmara de Educação Básica (CEB). Conselho Nacional de Educação (CNE). (2010). *CNE voltará a analisar parecer sobre obra de Lobato*. Brasília: Assessoria de Comunicação Social. URL: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/16038-conselho-voltara-a-analisar-parecer-sobre-obra-de-lobato>. Acesso 05.05.2023.
- Brasil. Senado Federal. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Centro Gráfico, Senado Federal. 48p. URL: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/legislacao/constituicao-federal>. Acesso 05.05.2023.
- Feres Júnior, J., Nascimento, L. F., & Eisenberg, Z. W. (2013). Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. Rio de Janeiro, *Dados, Revista de Ciências Sociais*, 56(1), 69-108. doi: 10.1590/S0011-52582013000100004.
- Forno de Letras. (2011). *Preconceito e intolerância em Caçadas de Pedrinho*. Blog forno de letras. URL: <https://fornodeletras.blogspot.com/2011/09/preconceito-e-intolerancia-em-cacadas.html>. Acesso 05.05.2023.
- Franco, C. (2018). *Quando uma obra vira domínio público?* Blog FG. 30.01.2018. URL: <https://fgpi.com.br/quando-uma-obra-vira-dominio-publico/>. Acesso 05.05.2023.
- Hueck, K. (2016). *O lado sombrio dos contos de fadas*. São Paulo: Abril.
- Izel, A. (2020). Bisneta suprime termos racistas em reedição da obra de Monteiro Lobato. *Correio Braziliense*, 19.12.2020. (Diversão e Arte). URL: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/12/4895827-bisneta-de-monteiro-lobato-adapta-os-classicos-da-literatura-ao-contexto-atual.html>. Acesso 05.05.2023.
- Lajolo, M. (2000). *Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna.
- Lajolo, M. (2011a). *Paratextos e Contextos da Obra Infantil Lobatiana: Tia Nastácia em Caçadas de Pedrinho*. Simpósio “Monteiro Lobato: texto e contexto”, XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic). Curitiba, PR, julho, 2011. URL: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0526-1.html> <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/12/4895827-bisneta-de-monteiro-lobato-adapta-os-classicos-da-literatura-ao-contexto-atual.html>. Acesso 08.05.2023.
- Lajolo, M. (2011b). *Preconceito e intolerância em Caçadas de Pedrinho. Cultura Afro-Brasileira e Africana, polêmicas e reflexões*. Revista Emilia.
- Lajolo, M., & Ceccantini, J. L. (Orgs). (2009). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. 1ª reimpressão - São Paulo: Ed. Unesp / Imprensa Oficial do Estado (IMESP).
- Lobato, M. (1933). *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lobato, M. (2015). *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Biblioteca Azul.
- Martins, M. R. (2019). *21/01/2019 - Obras de Monteiro Lobato entram para domínio público*. Rio de Janeiro: Revista Museu. URL: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/5899-21-01-2019-obras-de-monteiro-lobato-entram-para-dominio-publico.html>. Acesso 08.05.2023.
- Mendes, P. (2012). *Mais uma obra de Monteiro Lobato é questionada por suposto racismo*. Globo. G1. 25.09.2012. (Educação). URL: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/mais-uma-obra-de-monteiro-lobato-e-questionada-por-suposto-racismo.html>. Acesso 05.05.2023.
- Reginaldo, L. (2019). Obra infantil de Monteiro Lobato é tão racista quanto o autor, afirma historiadora. *Folha S. Paulo*, 10.02.2019. (Ilustríssima). URL: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/obra-infantil-de-monteiro-lobato-e-tao-racista-quanto-o-autor-afirma-autora.shtml>. Acesso 05.05.2023.
- Significados. (s.d.). *Significado de Eugenia*. Significados. URL: <https://www.significados.com.br/eugenia/>. Acesso 05.05.2023.
- Vaz, J., & Almeida, M. R. (2011). *História adulterada*. *Folha S. Paulo*, 08.01.2011. (Ilustrada). URL: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq08012011110.htm>. Acesso 05.05.2023.
- Vicente, J. (2017). *STF julga novo recurso contra obra de Monteiro Lobato*. Record News. (Entrevista em vídeo). 18.02.2017. URL: <https://www.youtube.com/watch?v=zr-FiEpQ2TA>. Acesso 05.05.2023.